

Ana Rodrigues Oliveira

Portugal

Uma História no Feminino

IVIII
casadasletras

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
1. D. TERESA DE LEÃO E CASTELA (1078/91?-1130) Um novo condado	15
2. D. MAFALDA DE SABOIA (1133?-1158) Um reino que se forma	39
3. D. DULCE DE ARAGÃO (1160-1198) Um reino que se organiza e se povoa	53
4. D. URRACA DE CASTELA (1186/7-1220) Uma guerra fratricida	57
5. D. MÉCIA DE HARO (c.1215-c.1271) Um rei enfeitado	71
6. D. BEATRIZ DE GUSMÃO (1244-1300) Um reino acrescentado e interdito	83
7. D. ISABEL DE ARAGÃO (1269/70-1336) Um reino que se afirma e define fronteiras	101
8. D. BEATRIZ DE CASTELA (1293-1359) Em guerra civil	129
9. ENTRE REINOS E REINADOS (1357-1367)	153
10. D. LEONOR TELES (c.1350-c.1405) Em risco de perder a independência	155
11. ENTRE REINOS E REINADOS (1383-1385)	195
12. D. FILIPA DE LENCASTRE (1360-1415) No bom caminho	199
13. ENTRE REINOS E REINADOS (1428-1481)	227
14. D. LEONOR DE AVIS (1458-1525) A caminho do Oriente	241
15. D. ISABEL DE CASTELA (1470-1498) Cresce a intolerância	273
16. D. CATARINA DE ÁUSTRIA (1507-1578) Um problema de sucessão	299
17. ENTRE REINOS E REINADOS (1557-1640)	327

18. D. LUÍSA DE GUSMÃO (1613-1666) A Restauração da Independência	341
19. D. MARIA ANA DE ÁUSTRIA (1683-1754) Um reino rico	365
20. D. MARIANA VITÓRIA (1718-1781) Cresce o medo	381
21. D. MARIA I (1734-1816) A Viradeira	401
22. D. CARLOTA JOAQUINA (1775-1830) Um reino invadido e uma família dividida	415
23. D. MARIA II (1819-1853) Grassa a instabilidade	441
24. D. MARIA PIA DE SABOIA (1847-1911) A caminho da República	469
25. D. AMÉLIA (1865-1951) A Monarquia chega ao fim	507
26. CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO (1878-1911) A República e a luta pelo direito de voto	535
27. MARIA LAMAS (1893-1983) Entre a República e o Estado Novo	549
28. MARIA BAPTISTA DOS SANTOS GUARDIOLA (1895-1987) O Estado Novo e as primeiras mulheres com assento parlamentar	557
29. MARIA TERESA CÁRCOMO LOBO (1929-2018) O Estado Novo e a primeira mulher no Governo	569
30. MIQUELINA SARDINHA (1902-1966) O Estado Novo e o anarquismo	575
31. MARIA ARCHER (1899-1982) O Estado Novo e a censura	581
32. MARIA ISABEL ABOIM INGLÊS (1902-1963) O Estado Novo e a repressão	587
33. CECÍLIA SUPICO PINTO (1921-2011) O Estado Novo e o Movimento Nacional Feminino	593
34. MARIA DE LOURDES PINTASILGO (1930-2004) A Democracia e a chefia do Governo	601
BIBLIOGRAFIA	613
ÍNDICE ONOMÁSTICO	619

INTRODUÇÃO

Este livro que agora vos apresento é uma proposta de síntese interpretativa da História de Portugal contada do ponto de vista feminino. Assim, embora o fio condutor seja a vida das biografadas, estará sempre presente o contexto político, social, económico e cultural de cada época e de cada momento histórico em que elas se inseriram. E aqui está a História de Portugal levando, também, ao conhecimento público aspetos menos conhecidos como o papel, a influência e atuação, os percursos, objetivos, combates e quotidianos de cada uma delas. É cada vez mais importante que a sociedade tenha em conta o olhar das mulheres, porque é um olhar diferente do dos homens sobre os problemas e as possíveis soluções. E, se alguma virtude tem a História de género (quer masculino, quer feminino), a conclusão que se pode sempre retirar é que ambos tecem e compõem o tecido histórico, se complementam e explicam a realidade apreendida pelos historiadores. É impossível falar de mulheres sem falar dos homens que viveram no seu tempo, que fizeram parte das suas vidas e do papel deles em relação a elas.

Através de uma narrativa contínua, e de uma linguagem que pretendi o mais legível e clara possível, o leitor irá compreender com facilidade quais os momentos mais importantes na formação e consolidação do reino de Portugal, na construção do Estado e no seu desenvolvimento e expansão, sem esquecer a sua integração na História da Europa. Dado que, nas últimas décadas, o interesse pela temática feminina numa perspetiva não romanceada

tem sido muito e variado, para esta síntese tornou-se necessário reduzir, selecionar e clarificar muita informação; esse trabalho foi sempre feito tendo em conta o mais importante no evoluir dos acontecimentos sem, no entanto, sacrificar alguns deles que, embora mais complexos, são fundamentais para a compreensão do contexto histórico.

Mulheres de diferentes épocas, com perfis biográficos muito diversos, participaram na evolução histórica de Portugal. No caso concreto das nossas rainhas, com exceção de duas, não ocuparam o trono por direito próprio, mas, sim, como consortes ou regentes. No entanto, apesar de afastadas, por tradição, do governo do reino, a maioria destas mulheres conseguiu projetar o seu poder e a sua capacidade de influenciar os homens e as mulheres que viviam ao seu redor, construindo extensas redes de relacionamentos de natureza muito diversa. Assumindo papéis tradicionalmente atribuídos aos homens, mas mantendo atitudes consideradas tipicamente femininas e por meio de práticas como a mediação, estas mulheres contribuíram para fortalecer pactos e alianças, fosse a nível externo, entre as suas famílias de origem e aquelas com quem estabeleceram vínculos matrimoniais, fosse a nível interno, entre diferentes fações da corte ou mesmo entre o poder real e o povo. Educadas sabendo que lhes caberia o domínio do privado, que deviam ser bondosas, caritativas, prudentes, boas conselheiras, apaziguadoras e mediadoras de conflitos, boas esposas e mães, muitas delas ultrapassaram em muito aquilo para que haviam sido criadas e educadas, não se limitando a ser peças de troca no xadrez político da época.

Mas mesmo tendo atingido a dignidade régia, a vida e a memória de muitas destas mulheres não foram objeto de registo e as lacunas são abundantes. Não podemos esquecer que a História, escrita por homens, narrava, sobretudo, os aspetos político e militar e, neste mundo maioritariamente masculino, a história das rainhas, e das mulheres em geral, foi relegada para segundo plano.

Durante séculos, os homens registaram a História de uma perspetiva exclusivamente masculina, como se as mulheres não existissem, esquecendo-se de que o contributo delas foi fundamental para o desenvolvimento da Humanidade. Contaram-nos, afinal, metade da História, a História de uma só parte. E o pouco

que nos deram a conhecer da parte em falta foi sempre filtrado pelo olhar masculino, por aquilo que pensavam e pelos padrões que assimilaram.

Mesmo as nossas rainhas, presentes desde os primórdios de Portugal, só muito tarde mereceram atenção especial e um estudo autónomo que as diferenciasses dos maridos, os reis de Portugal. No século XVIII, mais concretamente em 1728, D. José Barbosa, queixando-se do quão difícil era escrever sobre as monarcas portuguesas, dado o esquecimento a que elas tinham sido votadas pelos estudiosos, publicou o *Catalogo chronologico, historico, genealogico, e critico das rainhas de Portugal, e seus filhos*. O século XIX foi mais profícuo com a publicação de duas importantes obras dedicadas às rainhas de Portugal: *Memoria das rainhas de Portugal (D. Theresa – Santa Isabel)*, em 1859, por Frederico Francisco de la Figanière e, em 1878, *Rainhas de Portugal: Estudo historico com muitos documentos*, por Francisco da Fonseca Benevides, apresentado em dois volumes. Esta obra retoma e sintetiza, no essencial, o trabalho de Figanière sobre as primeiras monarcas, alargando-o ao conjunto das rainhas portuguesas. Qualificando as rainhas como um «curioso capítulo da história pátria», Fonseca Benevides justifica que tenham sido postergadas ao silêncio e ao esquecimento por se terem conservado «pelo menos em aparência, desviadas da governação d'estes reinos». Apesar destas obras, o estudo das rainhas e das mulheres em geral não conheceu grande desenvolvimento até finais do século XX. Foi a partir daí que se começaram a abrir as portas da História às mulheres, e que elas surgiram, de uma forma mais criteriosa e documentada, envoltas na revalorização do género biográfico e da história das mulheres.

Porém, nem só de rainhas vos falará este livro. Versará também sobre outras mulheres que, com circunstâncias pessoais e experiências de vida muito diversas, agiram e exerceram o poder, foram senhoras feudais, mecenas e filantropas, administraram latifúndios, escreveram, combateram por mais direitos, lutaram por aquilo em que acreditavam, alcançando notoriedade em várias áreas e em diferentes esferas de atuação. Mulheres de distintos protagonismos e percursos de vida. É sobre essas mulheres de todos os tempos que, embora frequentemente coagidas por obrigações, educação e preconceitos, souberam agir de acordo com